

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón

Milão, 9 de Junho de 2010

Texto de referência: «Pode um homem nascer de novo, sendo velho?», Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação (Rimini 2010), Società Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, Milão 2010.

- Canto “Liberazione n. 2”
- Canto “Mi sei scoppiato dentro il cuore”

A Escola de Comunidade é uma hipótese de trabalho – que *don Giussani* nos ensinou sempre – para entrar no real, e todos somos chamados a verificá-lo na nossa experiência. Portanto, não se vem para aqui para fazer comentários, vem-se contar e expor uma experiência, visto que poucos crêem que viver o real com esta hipótese seja realmente uma coisa diferente, nem mesmo nós; é inútil fazer comentários, porque estes não mudam a nossa cabeça; é preciso expor, testemunhar que entrar no real de acordo com quanto nos dissemos pode fazer respirar.

Então temos pela frente o início da primeira lição dos Exercícios: «A provocação do real», isto é, o que sucede quando eu me deixo provocar pela realidade, e o que é que significa que a realidade vivida como sinal é outra coisa. Se não têm testemunhos sobre isto, fiquem sentados sossegados; se têm alguma coisa a dizer, força. Breves e sintéticos, senão serei obrigado a intervir.

Um amigo escreveu-me há cerca de um ano: «A única forma de não perder o que fez sobressaltar o meu coração é fazer Escola de Comunidade, que é o ponto ao qual exigir sermos fiéis, em absoluto, porque é a experiência do coração de don Giussani diante de Cristo que precisamos para viver». Desta provocação, todas as manhãs, com uma minha amiga, a seguir à missa das sete e vinte ficamos na igreja a ler, durante quinze, vinte minutos a Escola de Comunidade, e começamos o dia assim. Que graça! Porque seguindo o caminho que estás a dizer e que me estás a indicar a minha vida mudou; a mudança foi possível graças a relações de amizade e a fazer fielmente a Escola de Comunidade. O teste desta mudança é que finalmente percebi o que entendes ao dizer que as circunstâncias ou te sufocam ou te provocam. Antes sufocavam-me porque a minha atenção se dirigia à solução dos problemas, até que um dia um amigo me disse: «Em que é que tu consistes? A solução dos problemas contentava-te?», no entanto eu teimava porque o problema persistia. Depois a mudança foi colar-me a Ele, tentando segui-Lo através do rosto de alguns amigos e estudando a Escola de Comunidade. Um exemplo deste esforço que te quero contar é que li o livro Barrabás; a um dado momento, o escravo e Barrabás são transferidos do trabalho na mina para os campos (leio um bocadinho): «E ao sair à luz do dia, ao ver os raios de sol nas encostas dos montes perfumados de mirto e de lavanda e os campos verdes de primavera lá em abaixo no valado, ao fundo o mar todo, Sahak caiu de joelhos e exclamou extasiado: “Chegou, chegou, o reino está aqui”». Marcou-me porque percebi o exemplo que don Giussani dá no décimo capítulo de O Sentido Religioso: «Vamos supor que nascemos, que saímos do seio materno, com a idade que temos agora, [...] seria dominado pela maravilha e pelo espanto diante das coisas, como por uma “presença”». A mim parece-me estar a viver a mesma coisa, Carrón, não é que eu nunca tivesse reparado no céu, no sol, no mar e nas flores, mas agora vejo-os como sinal da Sua presença.

Em que experiência conseguiste reconhecer isso?

Na relação com um amigo e na Escola de Comunidade.

Conta-a, contem factos não repitam o discurso, contem factos. Temos de ajudar-nos nisto.

Assim como estar diante do Sudário é reconhecer que toda a realidade é sinal de que Ele está a fazer todas as coisas agora. Também o Papa em Roma disse: «O Senhor, abrindo-nos o caminho do Céu, faz-nos saborear já nesta terra a vida divina», e eu posso dizer que isto me aconteceu e me acontece todos os dias, como dom da graça que me é concedida através de uma amizade excepcional, com a qual Ele faz vibrar o meu coração e me cola a Ele, e a única decisão que tenho de tomar é estar disposta a deixar-me abraçar pela modalidade com que Cristo me está a abraçar agora. Obrigada.

Contem factos. Eu não ponho em causa nada do que ouvimos, mas se uma pessoa conta um facto onde se vê e se constata isto, é mais fácil. Peço-vos, se não têm factos para contar, fiquem sentados no lugar.

Eu queria contar-te em primeiro lugar o que aconteceu na minha casa nestes últimos tempos, sobretudo porque o trabalho do meu pai sofreu uma provação muito grande; por uma série de questões ligadas à sua indústria, à política, etc., havia reuniões muito importantes das quais de facto dependia se fechava ou não; foi mais ou menos um mês que esta coisa durou e marcou-me imenso o facto de na minha casa (eu sou filha única) sermos obrigados a olharmo-nos cara a cara e a optar se deixar-nos dominar pelo facto de estarmos preocupados – além do mais, nesta altura também eu estou à procura de trabalho – ou ver essa circunstância como uma coisa que nos é dada por Jesus. E espantou-me imenso ver a discrepância que era quando algum de nós se deixava dominar pelo cansaço e, ao contrário, a explosão que era, mesmo na qualidade do serão, quando estava claro para nós os três que essa era uma oportunidade para nós. Banalmente, eu nunca como nestes tempos arrisquei com os meus pais um juízo sobre o que nos estava a acontecer, portanto eu vi isto propriamente como um proveito para mim. Neste momento, porém, tenho uma questão, porque nos últimos tempos a questão do meu pai está-se a compor, graças aos céus, e eu descobri em mim uma agitação, uma inquietude na última semana, talvez há pouco mais, e é uma coisa que eu, “muito inteligentemente”, peguei e pus de parte dizendo: «Devo estar cansada, foram tempos muito difíceis», e, obviamente, isto não fez outra coisa senão agudizar-se. Vêem? Podemos pô-la de parte, mas isso resolve alguma coisa? Agudiza-se.

Tanto assim que, a dada altura, no sábado à noite, por umas coisas que me tinham sucedido, disse: «Agora aceita o facto de que não estás tranquila, mesmo que as coisas estejam a correr pelo melhor»; no dia seguinte peguei no carro, fui ter com um amigo meu; grande discussão de uma hora em que eu esperava apaziguar por momentos a situação e, em vez disso, nada, pior ainda, até que me dei conta desta dinâmica que sucede com frequência em mim e é o que te queria perguntar; é como se eu, perante uma provocação que me vem das circunstâncias – o trabalho do meu pai – fosse obrigada a dar um juízo, e isso é absolutamente um ganho para mim, mas depois, sem dar por isso, a posição descaí em dizer: «Agora que já dei o juízo é como se estivesse vacinada contra o impacto que a realidade suscita». Quer dizer: agora percebi e portanto sigo em frente. Obviamente, depois isto não se sustenta, pelo que eu, sem dar por isso, a certo ponto, vacilo e volta tudo ao ponto de partida. Só que me fartei desta dinâmica, porque lendo o que nos disseste nos Exercícios pensei: «O que Carrón me propõe é contínuo, é um trabalho de todos os dias e tem de haver ganho todos os dias». Então queria perceber o que é que se bloqueia em mim.

O que é que nos bloqueia? Observa em ti o que é que se bloqueia. Tens de ser tu a dizê-lo.

Como se estivesse completamente electrizada por ter vislumbrado qualquer coisa, depois já não trabalho.

Então, se tu já não trabalhas o que é que quer dizer? Que experiência fizeste? Não cresceu o eu; estivemos um ano inteiro a dizer que a experiência é experiência real, verdadeira, quando cresce o eu. Uma pessoa aprende matemática, a seguir põe-se a descansar e, na vez seguinte, quando tem de enfrentar um problema, é como nada tivesse acontecido? Eu deixo de ser capaz de enfrentá-lo? Que ganho obtivemos? Nenhum. Enquanto uma pessoa não ganhar um incremento do eu, fica sempre no ponto de partida, faço-me entender? Onde é que se vê que o ganhei? Que eu me surpreendo a entrar no real com este ganho, começo a entrar com esta modalidade nova, como disseste a respeito do trabalho do teu pai, etc., depois é como se isto fosse esquecido... Nós, no fundo, esperamos tudo de quê? De que se resolva o assunto. Este último consideramo-lo uma etapa a transpor, não a oportunidade para uma relação com o Mistério. Qual é o nosso ideal não afirmado, mas sempre escondido? A ausência de drama; que eu possa enfrentar problemas que consigo resolver; e assim que não conseguimos resolver, caímos ou atiramos a toalha ao chão. Não nos introduzimos ao verdadeiro drama do viver e à relação com o Único capaz de resolver. Mas, então qual é a diferença entre o modo de viver de todos e o modo cristão? Nenhuma! Também os outros quando conseguem ficam contentes, e quando não conseguem ficam chateados. Mas nós começamos a entrever que tudo isto nos introduz a um sentido do Mistério ou não? E que, portanto, a questão não é estarmos vacinados, porque no dia em que estiver vacinado quer dizer que o encefalograma está plano, que já não entro no real? Cantámos que o tu rebenta-nos dentro do coração. Imaginem que estamos vacinados e nos estamos nas tintas para o outro (isto é o máximo!), seria uma desgraça total; ainda bem que a vida não se realiza assim, porque, se rebenta alguma coisa dentro do coração, quer dizer que me faz desejá-lo mais, que me faz perceber todo o poder do meu desejo, claro?

Espero atestar um incremento do eu e a utilidade do trabalho com a Escola de comunidade.

Também te desejo o mesmo.

Vejo que o trabalho da Escola de comunidade convém porque me lembra de que coisa sou feito, e assim permite-me reconhecer Quem sustenta a minha vida, e isto é uma coisa real porque muda, de tal modo que há um mês eu estas coisas nunca as poderia ter dito, e também porque não há nada a fazer: dou-me conta que por menos de tudo eu não funciono em nenhum âmbito em especial.

Obrigado.

Queria pedir-te uma ajuda. É um período um pouco difícil no trabalho. Eu trabalho com o meu pai e, um pouco por causa da crise, um pouco pelo facto de que o momento da passagem geracional torna-se cada vez mais importante e, portanto, há aspectos do trabalho que assumem um importância que antes não tinha, sou chamado a fazer coisas que até há pouco tempo não fazia. Só que o momento da crise não ajuda, e portanto encontro-me se calhar a correr atrás de oportunidades, e o trabalho torna-se difícil, porque em determinados aspectos é realmente impossível de gerir e muito caótico. Nos Exercícios de há dois anos tu dizias: « Perguntava-me no outro dia uma pessoa: “como posso fazer memória de Cristo no trabalho?” e que respondi-lhe: “E como consegues trabalhar sem fazer memória de Cristo? Como consegues viver no trabalho, na circunstância sem a memória de Cristo? Sem o fôlego da oferta?”»; e depois acrescentavas mais à frente: “Se um homem enquanto estuda ou trabalha diz: “Ofereço-te o meu estudo ou o meu trabalho” e num momento de dificuldade diz: “Ofereço-te o mal-estar e a incerteza do atrapalhamento em que me encontro” quer dizer que reconheço que a consistência e a substância, ou seja, o balão de oxigénio, o tecido do instante que estou a viver és Tu, Cristo». Provavelmente não sou capaz de oferecer, é claro que no caso específico do trabalho será preciso que alguém dê uma ajuda ao meu pai, isto é evidente, mas o desafio com que me deparo neste momento é precisamente uma novidade até na relação com o meu pai, e até com a minha mulher e como o meu filho, porque no momento em que volto para casa depois de um dia sufocante quase que os evito. Peço-te uma ajuda nisto.

Tu tens um problema com o trabalho; deves olhar como te moveste e comparar com o que dissemos aqui. Não me podes sacar da cartola a oferta como se nada tivesse acontecido, ignorando a proposta que nos fazemos. Se não, o melhor é voltarmos já para casa. Como é que usaste a razão diante desta provocação do real? Que percurso fizeste? Porque se não usas a razão, que quer dizer a oferta? Está claro? Que urgência tens de estar perante o real de maneira a que possas fazer desta provocação alguma coisa que te agarra e te leva para a frente? Caso contrário, aplicamos chavões: trabalho, problema, oferta. E o que é que acontece? Nada! Vejam bem. Isto não nos ajuda. Se tu não fizeres uma comparação entre a maneira com que te moveste diante disto e aquilo que os Exercícios dizem, ou seja, que entre a intenção de seguir a seguir há um abismo no meio que nunca eliminamos. Este trabalho é aquilo que a pouco e pouco te leva a dares-te conta do que é a vida, do que és tu e o que significa fazer memória, realmente. É um pedido e uma indicação de método, percebes?

Eu a movimentação que fiz foi a de procurar partilhar com os amigos mais caros, pedindo uma ajuda.

Perfeito, isto é ótimo; mas se os amigos mais caros não te remetem para este trabalho, distraem-te.

Desculpa. E se a circunstância vencer?

Tu que experiência fizeste? A circunstância vence ou não? Por ora vence em ti a circunstância. Há aqui alguém em que a circunstância não tenha vencido? Esta é a questão; se não fizermos esta verificação, daqui a nada mandamos tudo às urtigas porque ficamos cépticos: continuas a dizer que é uma hipótese de trabalho para entrar no real, mas na realidade não acontece. Depois ficamos fartos. Assim se perde a fé, porque a inteligência da fé não se torna inteligência da realidade.

Eu queria contar um exemplo em que a circunstância não levou a melhor. Parto de uma frase na página 16 dos Exercícios: “Factos que antes pareciam normais e que agora começam a surpreender-nos: e a vida é completamente diferente, com os mesmos factores”. O que é que foram para mim estes factores nos nestes últimos dias? Foram uma grande festa que preparámos na escola, que durou quatro dias e que exigiu a mim e aos amigos que prepararam um gasto de energias e um esforço enormes, eu era o responsável pela organização das limpezas, que era a última coisa que uma pessoa lhe apetece fazer: despejar o lixo, lavar o chão e por aí fora. Lancei-me tendo presente duas coisas: a Escola de

Comunidade e a provocação que tu lançaste em Roma, porque eu percebia que aquele gesto pudesse ser uma experiência de educação para mim. Então que fiz eu? Disse: “Faço a coisa mais inteligente”, afixei na zona em que trabalhavam os amigos e que eu frequentava um bonito cartaz que dizia: “Em primeiro lugar que este gesto seja para ti”, como que para garantir o sucesso, o sucesso meu e da festa. E o que é que aconteceu? Aconteceu que imediatamente, no instante seguinte, a organização de toda a festa predominava, e eu naquela noite fui para casa com um peso no coração porque dizia: “Olha, eu fiz tudo e mais alguma coisa, mas é como se o tivesse feito com a cabeça enfiada num saco”, é como se depois Ele no fim ficasse lá no fundo e não incidisse. Na manhã seguinte eu estava em casa sozinho e a única coisa que me vinha à cabeça, em relação à provocação da noite anterior, era ir ler os Exercícios e reli os Exercícios tendo nos olhos aquilo que tinha acontecido no dia anterior. E o que é que aconteceu? No fim da festa impressionou-me o facto de que se aproximou de mim um amigo e me disse: “Olha, nunca vi uma pessoa fazer o trabalho menos importante de maneira tão contente como tu estás”. Conto isto e ponho isto em contraposição com um outro amigo – a quem agradei imenso pela provocação – que no fim da festa veio ter comigo e disse: “Aqui as coisas não correm bem, eu fiquei sozinho a fazer o gesto”; diante desta reacção, a única coisa que me lembrava de contar era o que me tinha acontecido, e disse-lhe: “A mim aconteceu-me isto e recolhi durante quatro dias o lixo contente”. Foi evidente para mim nesta circunstância como levar a sério o trabalho que nos estás a ajudar a fazer, o trabalho dos Exercícios, como aquilo que abre de maneira radical todas as circunstâncias, aquilo que dizes: “A vida é uma coisa totalmente diferente com os mesmos factores”.

Uma pessoa faz as limpezas com uma frase assim: “Que seja um gesto para ti”, mas isto não incide sobre o modo de limpar e vai para casa com uma neura infinita. Ele não incide. Vai para casa, e o que é que não consegue tirar de cima de si? Que participou num gesto como os Exercícios e não pôde evitar agarrar o texto como hipótese de trabalho para relançar-se no dia seguinte. A hipótese de trabalho que nos dá o movimento é a modalidade com que eu posso entrar no real quando fiz a minha tentativa e não fui capaz de fazer nada a não ser voltar para casa pesaroso. Então uma pessoa vem-lhe à cabeça dizer: “Se eu agarrar esta hipótese, talvez aconteça”. E uma pessoa começa a ver, a tocar com o dedo a novidade que introduz, de tal modo que o outro dá-se conta da alegria, da letícia; também o outro participou nos Exercícios, tem o livrinho, mas a última coisa que lhe veio à cabeça foi enfrentar aquela circunstância com aquela coisa. Estão a ver? Qualquer um dos dois pertence, está no lugar certo, na mesma amizade; o que é que faz a diferença? É preciso agarrar a proposta, e então uma pessoa começa a experimentar a verdade do facto de que, entrando assim na circunstância, eu posso fazer uma experiência diferente do mesmo trabalho que ontem me era pesado; o trabalho não mudou, simplesmente eu entrei naquela circunstância (a mesma de ontem!) com aquela hipótese que ontem tinha esquecido. Se não fizermos esta verificação, não podemos sentir de modo palpável que é possível que a circunstância não vença. Diz-me uma pessoa: “O real solicita-me a procura alguma coisa para além daquilo que é imediatamente aparente. É um momento em que estou impassível [uma pessoa pode resistir, estar impassível a isto]. Como sabes, depois de ter perdido uma criança, inesperadamente estamos à espera de outra. Eu não estou bem, há dois meses que vomito todos os dias, não posso trabalhar, estou em casa, exausta, o real esmaga-me não posso deixar de obedecer porque a circunstância é de grande aperto, mas obedeco como uma serva, como uma condenada. É como se faltasse o humano, o meu movimento é bloqueado [bloqueia-se]; bloqueada pelo vómito, bloqueada há dois meses na cama, continuo a repetir-me que é sinal de algo de belo [não basta repeti-lo], que não é uma doença; de manhã, quando não estou demasiado furiosa, ofereço tudo, mas não penetro em nada [Estão a ver? “Ofereço” é uma coisa que parece colocada à pressão, mas eu não penetro em nada, não é um conhecimento novo do real], não descubro nada, estou apenas farta. Como posso sair desta prisão?”. Esta pessoa, vivendo assim, liberta-se da situação que tem? Não. O que é que acontece quando uma pessoa bloqueia toda a exigência? É o assassínio do humano: a consequência é que fica farta, não aguenta mais a prisão. Mas o Senhor dá-nos exemplos, testemunhas: os reclusos de Pádua encontram-se numa situação pior, mas não se deixam invadir por este sentimento, estão contentes, há uma outra coisa que domina a cena, estão determinados por uma outra coisa. Não nos podemos ficar por andar para aí esmagados, porque se eu bloqueio – como vemos – o movimento, não descubro nada, tudo fica parado. Se não suportarmos a provocação do real, que nos abre e escancara o horizonte, nós sufocamos.

Dizias na última Escola de comunidade: “Este trabalho é a decisão da liberdade de uma pessoa se deixar abraçar e de O reconhecer”. A coisa que me enche de alegria é que isto acontece na normalidade e nas coisas banais, como dizes na página 15: “Quanto mais uma pessoa vive a fé na presença de Cristo na Igreja, tanto mais o espanto dos sinais de Deus disparará mesmo na situação mais escondida, mesmo no surgir do pensamento mais recôndito [...]. Como seria a vida, amigos, se cada instante, por mais escondido que seja, estivesse cheio desta diversidade!” Segunda-feira estava numa reunião chatíssima, que toda a gente achava razoavelmente inútil, e a uma dada altura, dei comigo a pensar “Que chatice, podia estar em casa a fazer uma data de coisas mais úteis”, a coisa típica de família. Sobretudo impressionou-me que me dei conta que eu estava naquela posição, enquanto que antes não me daria conta de que a vida passa. A segunda surpresa foi perguntar-me porquê, se a realidade é sinal sem distinções, aquele momento não o vivia como sinal que me abre de par em par. E então o tédio, aquele sentimento de peso, foi a ocasião para a explosão do pedido: “Faz-me ser aqui agora”, e isto é verdade que muda, porque torna ligeiro o peso da vida.

Obrigado.

Dois exemplos e uma confirmação. Na página 17 dizes: “Se o cristianismo não intervém nesta profundidade da vida do sujeito, quer dizer que não é um acontecimento na vida do homem; se é acontecimento, determina uma diversidade na raiz do eu que se exprime sobretudo no modo de olhar, de se relacionar com o real”. Este ano sou representante da turma da minha filha que faz o primeiro ano; tivemos bastantes problemas com uma professora que faltou várias vezes e que cada vez que voltava perdíamos as substituições, o que causava um grande mal-estar para as crianças, as crianças à solta nas aulas, não se sabia a que horas saíam, os pais muito zangados com a situação; e a decisão final de como verbalizar este mal-estar e fazer de maneira que ela se vá embora é adiada para o conselho de turma da segunda-feira seguinte. Durante todo o fim de semana pensei: “Como faço, por um lado, para salvar o juízo que inevitavelmente esta situação foi prejudicial para as crianças e para o seu crescimento (porque esta professora estudou as faltas de modo estratégico a seu favor, não era uma doença real) e como é que, por outro lado, não elimino esta pessoa?”, No seio da turma formaram-se dois grupos de pais. Os que diziam: “Coitada, o que fazer?” (a bonomia), e os outros que insistiam sobre o sentido do dever. Pela primeira vez este profundo mal-estar de como enfrentar a situação, mas sobretudo de salvar a minha razão e o meu juízo, eu obtive-o dos Exercícios. Durante todo o fim de semana li o livrinho, porque queria salvar esta pessoa, salvar a circunstância e salvar a minha razão. Segunda-feira, quando ia para a reunião no metro vêm-me à cabeça as palavras: “As coisas do céu tornaram-se as coisas da terra”, e ali, diante de mim no metro estava uma senhora que a uma dada altura fechou os olhos, evidentemente vítima do cansaço por causa do calor, e veio-me uma onda de ternura por esta fulana que nunca vi mais magra, pelo que começaram a bater certo, ao ter aceite esta hipótese de trabalho, uma série de factos que de outro modo seriam impossíveis em mim.

Entre a bonomia e o sentido do dever, que inteligência nova descobriste?

O manter unida aquela situação, uma capacidade de juízo que tinha em conta tudo, o facto de que aquela pessoa é alguém, que é parte da realidade como eu, que é amada por Jesus tal como eu sou amada, uma pessoa que comete erros, e isto não é um equilíbrio feito de estratégias e de capacidades dialéticas...

Tens uma pergunta?

Não, apenas uma confirmação daquilo que tinhas dito da outra vez. Tu acerca de Roma tinhas dito que foi um gesto educativo que perceberam quer os que foram, quer os que não foram. Não foram por uma série de bons raciocínios, mas a partir daquilo que foi dito, sobretudo a partir daquilo que disseste tu e sobretudo a partir daquilo que disseste sobre a amargura que tive como impacto nestas semanas, eu percebi onde é que me perdi.

Este é o valor de um gesto: que nos ajuda a todos:

Sou enfermeira em hematologia pediátrica. Queria contar uma coisa que aconteceu no meu departamento. Tínhamos internado um rapaz de dezoito anos que era um doente terminal e a quem eu me tinha afeiçoado muitíssimo porque estava connosco há vários meses, e a quem acompanhei sempre. Morreu no Sábado e, para além de a coisa me ter abalado um pouco, decidi juntamente com as minhas colegas ir ao funeral para fazer companhia aos pais dele e para o acompanhar até ao fim.

Quando fui ao funeral fiquei muito impressionada pela forma como estavam aqueles pais; estavam destruídos; o funeral foi uma tragédia, um desespero, era o pai que gritava, a mãe que parecia quase não reconhecer ninguém com o olhar perdido no vazio, e eu estava ali e assistia a tudo isto, a mesma coisa no cemitério, mas não estava chocada com o comportamento deles (porque penso que muita gente comporta-se assim em circunstâncias como esta, excepto se tiverem feito um encontro e tenham depositado a sua esperança em Cristo), mas estava muito impressionada da novidade que nós somos. Lembrei-me do funeral da minha irmã, que morreu em Janeiro, lembrei-me dos rostos dos meus pais: eles não estavam desesperados, apesar da dor e da fadiga não estavam desesperados, porque tinham posto a sua certeza em Cristo, tinham dito sim àquela circunstância, precisamente porque têm a certeza que a morte não é o fim de tudo, mas que existe a promessa da vida eterna. Impressionou-me muito o meu pai, quando a estavam a enterrar, pediu aos seus amigos para cantarem Povera voce; e eu dizia-lhe «porque é que num momento como este queres cantar?». Quando estava no cemitério por causa daquele rapaz descobri-me mesmo grata por poder pertencer a uma história assim e eu desejei que também estes pais pudessem fazer um encontro.

Obrigado.

Eu tive de retomar os Exercícios desde o início porque, em virtude daquilo que me tinha acontecido durante este período, fiquei com a sensação de não ter percebido nada. No início dizes «A nós parecem sempre que acontecimento e trabalho estão em contradição», mas como? Eu entendi que é como se nós não percebêssemos do que é que se trata, é por isso que percebemos a contradição: Dou um exemplo: no outro dia na escola vi um pai que andava de um lado para o outro no pátio e que não conseguia entrar; pergunto-lhe: ‘O que se passa?’, «Não escrevi a justificação no diário da minha filha e não sei o que fazer, pois a aula já começou», «Entre, se o motivo é sério, deixam-no entrar», ele olha para mim e diz: «Acompanha-me?», e eu respondo: «Está bem, eu acompanho-o», e entramos, uma coisa banal, escrevemos, saiu e depois disse-me: «Sabe, eu separei-me da minha mulher, não pensava que no início seria assim tão duro, sabe? viver sozinho é mesmo difícil». É apenas um exemplo, mas é para dizer que é como se nós não acreditássemos na possibilidade nem sequer de atravessar aquele limiar, porque não damos crédito ao acontecimento que vivemos, é apenas face a uma amizade presente, que é toda a descrição daquilo que me está a acontecer neste período, que a vida pode mudar se não pomos isto em jogo...

Mas na tua opinião por que é que nós não damos crédito a isto? É simplesmente porque somos estúpidos, porque somos maus? Porquê, na tua opinião?

Porque não acreditamos que seja possível...

E porque é que não acreditamos que seja possível?

Nós identificamos a correspondência como qualquer coisa de “belo”, e não acreditamos que seja possível a totalidade da força do acontecimento

E porquê? Estou de acordo contigo sobre isto, mas na tua opinião por que é que isto acontece?

Porque devemos ter diante um outro para quem olhar, de outra forma não conseguimos ir ao até fundo, devemos ter...

Mas temos todas as testemunhas para onde olhar. Por que é que não basta? Porque até que nós vejamos na nossa experiência que isto é possível, não o pomos sequer em consideração.

Como tu dizes, não damos crédito a isto, porque não basta ler o texto para que eu dê crédito ao texto e possa entrar no real... Apenas quando uma pessoa uma vez, uma outra vez e uma outra vez ainda viu isto cumprir-se, então, acredita.

Julián, desculpa, depois corrige-me, mas vimos que numa experiência de dificuldade, quando alguém se faz acompanhar naquela circunstância, e depois levámos a coisa para casa.

De acordo, até podemos acompanhar-nos nisto, mas a verdade é que enquanto não se torna uma experiência nossa – uma vez e uma outra vez – é como se não tivéssemos nós, na experiência, a certeza para dar crédito a isto.

Se procuramos olhar aquela circunstância e não conseguimos atravessá-la até ao fim, podemos pedir de joelhos..

Olhem, podem fazer aquilo que quiserem, mas aqui não diz que é preciso pedir de joelhos – fazem muito bem em fazê-lo – aqui diz que se pode fazer uma estrada, vêem como nem sequer pomos isto, minimamente, em consideração?

Vamos todos para casa, porque para dizer isto não temos necessidade de vir aqui, tu, depois, não dás crédito a Cristo porque, se a inteligência da fé não te fez ter uma inteligência nova da realidade, não penses que pode mudar qualquer coisa. E assim o que é que acontece? Acontece que tu te colocas diante da nova circunstância sem esta certeza e não acreditas mesmo, mas não porque sejas mau ou céptico, não, porque não tens em cada fibra do teu ser a experiência daquilo que aconteceu e, logo, isso não cresce com cada experiência nova que te permite estar no real.

E como isto não acontece, surpreendemo-nos se depois dizemos: «Nós não damos crédito...», mas ninguém se pergunta: «Mas por que é que eu não dou crédito a isto?»! Tenho necessidade de uma experiência que me permita entrar no particular do real de tal forma que nos permita ver que isto muda a circunstância. Nós continuamos a dizer coisas que temos na cabeça, mas ninguém leva a sério a hipótese de um trabalho! Dou um exemplo deste trabalho. Uma pessoa não está bem no emprego e ao mesmo tempo tem esta vontade de ir em missão, e esta vontade fá-la estar disponível para ir em missão, mas sem verificar até ao fim a oferta do emprego. Depois chega ali e o trabalho não era aquilo que pensava, e então irrita-se com o outro que a fez aceitar (segundo ela) e tudo se complica (tanto para ela como para o outro). E há uma pessoa que diz: «A meu ver todos os problemas nascem quando, nem mesmo como tentativa ou hipótese, nós seguimos aquilo que o Carrón nos diz, ou seja, quando a fé não se torna um método de conhecimento do real. Parece-me que foi isto que aconteceu no início da circunstância (a proposta de emprego) e sucessivamente na atitude diante do desenvolvimento da coisa, em especial, da forma como todos se moveram.

No início da circunstância aconteceu isto, precisamente: quantas vezes ouvimos o Carrón dizer que o Mistério sabe aquilo que faz e que se faz encontrar naquilo que faz acontecer, não nos nossos pensamentos e nas nossas interpretações? Pois bem, parece-me que este realismo são [porque se eu não tenho uma linha directa com o Mistério, devo agarrar-me aos sinais, tenho necessidade deste realismo, se estou convencido de que não tenho visões, devo olhar para os sinais, mas tantas vezes não temos este realismo são] esteja um pouco esquecido, e em vez de permanecer na simplicidade da avaliação da realidade (há emprego ou não há emprego?), força-se um pouco a proposta e avança-se com outros critérios. Isto, não apenas da parte de quem fez a proposta, que, eventualmente, poderá ter sido um pouco apressado ao avaliar se realmente servia uma outra pessoa, mas também da parte da pessoa em questão que a aceitou. Ela própria reconheceu que um certo entusiasmo pela missão (uma coisa ótima) levou-a a decidir não estando, ainda, a coisa muito clara [saltou todas as passagens!]. Quando não se obedece àquilo que Mistério faz acontecer, depois pagamos as consequências. Isto no início. Diz, pois, Maria Zambrano: “O homem não se dirige à realidade para a conhecer melhor ou pior, se não depois, e a partir do momento, em que a percebe como promessa, como uma casa da qual, por princípio, se espera tudo, na qual se acredita ser possível encontrar tudo”. Isto é belíssimo e muito significativo, [vê-se imediatamente quem faz um trabalho e quem não faz] se não pomos como hipótese que a realidade é uma promessa – a realidade é sinal, insiste-se na primeira lição -, não se pode conhecer a realidade [porque nós sufocamos no real porque pensamos conhecer a realidade]. Assim, parece-me que se não se parte disto, uma pessoa está condenada a não conhecer aquilo que tinha diante de si e a outra condena-se a não conhecer a outra, o desejo de missão que tinha até chegar a um juízo totalmente enganoso, uma vez que considera ser conhecimento do outro e que não passa de uma análise fria e cruel da aparência, que também pode ser, mas que jamais é a definição do outro.

É significativo deste ponto de vista que não se falem, que a nenhuma surja o ímpeto de perguntar à outra: “Porque é que fazes assim? Por que é que a tua liberdade se move assim?” - É claro que quando a pertença não é aquela indicada, não existe estima e interesse na tentativa do outro, que assim nunca é visto como liberdade diante do destino, mas como eventual obstáculo, e conseqüentemente o juízo é o descarregar da responsabilidade.

Pois bem, estas coisas, considero-as também muito importantes para as duas, sobretudo para que não fiquem encastradas na circunstância, com efeito, diz-se na Introdução aos Exercícios: Este, para mim, é o maior desafio que o cristianismo tem diante de si agora: se – na modalidade com a qual persuasivamente

nos alcançou: o movimento – é capaz de perfurar a crosta do modo com o qual cada um de nós está no real [isto é aquilo que tantas vezes não nos move] ou se condenou a permanecer estranho, como um apêndice. Se não há mudança no modo de perceber, de julgar a realidade, quer dizer que a raiz do eu não foi investida por nenhuma novidade, que o acontecimento cristão ficou exterior ao eu. Pode a fé ser um novo conhecimento daquilo que aconteceu e acontece? Dá-nos uma inteligência maior do real ou não? Ou estamos condenados a dizer: “, Está bem, mas Cristo está!” como um acrescento introduzido a posteriori. E a circunstância permanece tal e qual, e não se cresceu, não se mudou, não se aprendeu nada daquilo que o Mistério, daquela forma, queria fazer-nos perceber, continua a ajuizar-se como todos». Começemos a levar a sério esta comparação cerrada entre o modo como cada um se move e aquilo que nos diz Giussani, para poder verificar se aquilo que nos é dito nos muda verdadeiramente! Porque, muitas vezes, verificamos todas as hipóteses que nos vêm à cabeça, todas, excepto a hipótese da vitória de Cristo. Assim não muda nada e tornamo-nos cépticos, porque a vitória de Cristo não te poupa o real, mas antes torna-te capaz de entrar no real e de não sucumbir. Estamos aqui para nos ajudarmos a verificar isto, não para fazer comentários sobre o texto, porque fazer comentários sobre o texto não serve para nada. Não sei quando finalmente o conseguiremos fazer, mas eu não desisto.

Recomendar alguns livros para se lerem no Verão faz parte da natureza da nossa experiência. Cada vez que acontece “encontrarmos” um livro, como uma pessoa, a nossa liberdade é posta à prova: podemos decidir ficar fechados ou abertos ao encontro. Podemos aceitar a provocação que nos é feita de os lermos ou não a aceitar. Para este Verão os livros que propomos são: *O eu renasce de um encontro (L'io rinasce in un incontro)* de Luigi Giussani, *Os exércitos de Deus (Gli eserciti di Dio)* de Rodney Stark, *Kristin filha de Lavrans (Kristin figlia di Lavrans)* de Sigrid Undset e *Coros da Rocha (Cori da «La Rocca»)* de T.S. Eliot (já é o livro do mês de Junho).

Nestes últimos anos para além da disponibilidade dos universitários, cresceu também a dos adultos. Isto é um sinal de como o Meeting é percebido por todos como possibilidade de testemunhar ao mundo aquilo que somos. Relembro, por isso, a oportunidade de trabalhar gratuitamente para o Meeting. É uma coisa da qual todos devemos aprender

- Gloria.